

dro de referência muito geral, dentro do qual se podem organizar inúmeras conceptualizações correntes da gênese, da manutenção ou da mudança da estrutura social", com o intuito de caracterizar o desenvolvimento das instituições, ou então, das estruturas sócio-culturais. Durante toda a exposição teórica, o autor preocupa-se em demonstrar a "superioridade" do modelo de sistema adaptativo complexo, em contraste com a fragilidade do modelo de sistema homeostático ou de equilíbrio, pois aquele vê o sistema sócio cultural como um complexo sistema adaptativo que continuamente gera, elabora e reestrutura padrões de significados, ações e interações.

O modelo atual de "consenso" é brevemente exposto e criticado, pois Buckley alega que este mantém uma visão relativamente estática de "instituição", "controle social", e "ordem" e "desordem" social. Portanto, o sexto e último capítulo é dedicado ao exame de uma possível abordagem cibernética a estes mesmos conceitos, atribuindo-lhes, assim, uma natureza mais dinâmica. A discussão engloba problemas referentes ao poder, à legitimidade, e à autoridade, como também trata de aspectos da inter-relação entre o poder e a burocracia.

A sociologia e a moderna teoria dos sistemas é muito mais do que uma mera aplicação da teoria geral dos sistemas a um campo específico do conhecimento. As críticas dirigidas às abordagens mecanicista e organicista (isto é, funcionalista), e a exposição clara e lógica do modelo sistêmico adaptativo ultrapassam, em muito, as fronteiras, ainda que fluidas, da ciência sociológica. O apelo do Professor Buckley para que haja uma significativa revisão da teoria sociológica deve ser atendido pelos demais cientistas sociais.

Franklin Lee Feder

## **Boss: Richard J. Daley of Chicago**

Por Mike Royko. Nova York, The New American Library, Inc., 1971, 224 p.

Richard J. Daley é prefeito de Chicago há 15 anos. Mike Royko é um jornalista "radical". Daley atraiu o ódio dos jovens "radicais" norte-americanos quando, em 1968, durante a convenção do Partido Democrático, autorizou a polícia a usar de violência para dispersar os jovens radicais que protestavam contra o envolvimento norte-americano no Vietnã. Mike Royko escreveu este livro para "denunciar as maneiras antidemocráticas" utilizadas por Daley para se manter na Prefeitura de Chicago e obter o apoio da elite partidária nacional. O livro, portanto, pretende ser uma crítica ao estilo político de Daley, e o leitor deve, ao terminá-lo estar detestando o prefeito de Chicago e a "máquina partidária" que ele comanda. Para Royko, o prefeito de Chicago é um bandido; a democracia norte-americana, o sheriff. E, como em todo o western produzido em Hollywood, o mocinho, no fim, deve vencer o bandido (ainda que a vitória demore mais de 15 anos).

Entretanto, nada disso acontece com o leitor. A gente termina o livro sem detestar Daley.

Acho até que desenvolvi um sentimento de respeito e admiração pelo prefeito de Chicago graças ao livro de Royko.

Por que, então, o livro de Royko não atinge seus objetivos? Creio que a resposta pode ser encontrada na maneira como Royko concebe a política. Para ele, a política é uma atividade executada por atores, sem qualquer conexão com a estrutura mais ampla em que tais atores estão inseridos e da qual fazem parte. Por isso, Daley é o bandido, o homem que comanda a "máquina" de Chicago, que possui, enfim, os destinos da cidade em sua mãos.

Em nenhum momento do livro Royko consegue superar essa visão idealista da política nem responder a pergunta que o leitor está interessado em ver discutida e analisada, ou seja, quais as forças socioeconômicas e políticas que garantem o sucesso de Daley? Em outras palavras, por que Daley, com todos os defeitos que Royko aponta, conseguiu ser eleito prefeito de Chicago cinco vezes, com os votos da maioria esmagadora da população? Por que Daley, sendo o político corrupto que Royko retrata, possui um tremendo poder junto à cúpula do Partido Democrático? Por que Daley precisa ser consultado e cortejado pelos candidatos do Partido à presidência da República? No momento em que esta resenha está sendo escrita, George McGovern, candidato do Partido Democrático à presidência da República, corteja Daley e solicita o seu apoio e é lógico que não é simplesmente porque Daley controla a "máquina" de Chicago que McGovern precisa de seu apoio.

Royko não percebe que Daley é um político muito bem sucedido tanto no nível das massas de Chicago como no nível da política partidária norte-americana. Royko não percebe, enfim, que Daley é, ao mesmo tempo, um produto da democracia norte-americana e um "tipo" de político dessa mesma democracia.

É claro que não pretendo sugerir que a democracia norte-americana produz apenas políticos corruptos. O que pretendo sugerir é que a democracia norte-americana é capaz de produzir também políticos corruptos pois ela não depende da honestidade

(ou desonestidade) dos políticos para subsistir.

O que faz com que Daley seja um político bem sucedido é, por um lado, a sua capacidade de satisfazer às demandas da elite socioeconômica de Chicago e, por outro, a sua capacidade de fornecer ao partido os recursos financeiros e políticos de que necessita para eleger seus candidatos.

Chicago é um dos maiores centros industriais dos Estados Unidos e, portanto, um dos maiores do mundo. As organizações industriais de Chicago (as indústrias, os sindicatos, etc.) possuem demandas políticas que Daley é capaz de satisfazer. Por isso, as indústrias, os industriais, as classes médias e os líderes sindicais não só apóiam Daley como fornecem enormes quantias de dinheiro ao Partido. Além disso, a polícia de Chicago consegue controlar os negros, os porto-riquenhos e outras minorias étnicas pobres que fornecem seu trabalho para as indústrias e o comércio da região. Daley consegue manter essas minorias relativamente isoladas das classes alta e média, em enormes guetos de onde só saem para trabalhar. Por outro lado, Daley possui uma rede de contatos e relações sociais que distribuem empregos, favores e serviços para aqueles que estão necessitando ou estão "insatisfeitos". Finalmente, nas épocas de eleições Daley não só fornece recursos financeiros como também votos ao Partido Democrático. Por isso, Daley possui tanto o apoio da elite econômica de Chicago como a "confiança" da elite partidária. Daley é, em resumo, um político que satisfaz às demandas do capitalismo norte-americano e, portanto, não interessa se ele é honesto ou desonesto. Interessa, isso sim, a sua integração com um sistema que possui demandas que ele é capaz de satisfazer.

Tudo isto Royko deixa de observar, e o livro se transforma em análise semelhante a que os redatores políticos de *O Estado de São Paulo* faziam de Ademar de Barros.

Manoel Tosta Berlinck

## The Industrial Revolution in Germany

Por Knut Borchardt. Corresponde ao v. 4, fasc. 4, s/d. (Fontana Economic History of Europe).

"Não há na atualidade nenhuma história econômica da Europa que, abrangendo-a como um todo ou cada um dos seus países em particular, seja plenamente satisfatória". Pelo menos é isto o que alegam os editores de uma pequena coleção de cerca de 60 fascículos que formarão, quando terminados, a Coleção Fontana de História Econômica da Europa. Cada um dos fascículos será uma espécie de capítulo dessa história econômica, cuja elaboração está a cargo de especialistas na área. A coleção, como um todo, conta com a orientação de um dos mais reputados nomes da atualidade no campo da história econômica, o Prof. Carlo Cipolla, da Universidade de Paris.

Não somente historiadores, mas especialistas em desenvolvimento e economistas em geral, terão suficiente razão para louvar esse grande empreendimento editorial da Fontana, posto que virá preencher uma lacuna no estudo de história econômica comparada, lacuna essa que é de se lastimar, especialmente com relação a alguns temas de grande relevância para os dias de hoje. Tal é o caso

da Revolução Industrial. Para entendermos esse fenômeno que em menos de dois séculos transformou radicalmente a situação do homem na face da Terra, e que ainda em nossos dias é a grande meta dos países subdesenvolvidos, faz-se necessário isolar o específico do geral. Trocado em miúdos, para compreendermos a natureza do processo de industrialização precisamos isolar o que este tem em comum em todos os países que o atravessaram e o que é específico a cada um deles. E isso, só por meio de um estudo comparativo de história econômica é que podemos atingir. É neste ponto que achamos louvável a tentativa do Prof. Cipolla de dar uma visão global da industrialização européia nos 11 fascículos que constituirão o volume 4 desta coleção. A obra que temos em mãos seria o quarto fascículo desse volume. É de autoria de Knut Borchardt, professor de economia da Universidade de Munique. Abrange um período um pouco mais longo que o do *take off* industrial da Alemanha propriamente dito (fenômeno que, iniciando por volta de 1830, intensifica-se a partir de 1850), posto que cobre o período de 1700 a 1914.

A obra se encontra dividida em quatro capítulos: uma introdução e um capítulo dedicado a uma análise sumária da situação da Alemanha antes da Revolução Industrial, e dois outros mais longos que formam o cerne do livro: O período preliminar e O desenvolvimento da economia industrial. O período preliminar corresponde à fase anterior a 1850, e O desenvolvimento da economia industrial aos anos entre 1850 e a I Guerra Mundial.

Ao analisar os pontos de contato entre a industrialização alemã e a de outros países europeus, Borchardt chega à mesma conclusão a que anteriormente já haviam chegado Mantoux, Deanc e Ashton, entre outras, de que a industrialização é um fenômeno complexo que engloba pelo menos três "revoluções": uma demográfica, uma agrícola e uma de transportes. A industrialização alemã diferiria, entretanto, da ocorrida na Inglaterra no sentido de ter sido induzida e não autônoma, no sentido de ter ocorrido bem mais tarde, de ter-se iniciado mais lentamente embora com